

P R O S A

PLÍNIO MARCOS

PELA BOLA SETE

(*Última Hora de SP* – Edição de 12/1/1969. Página 12. Caderno 1)

O Bereco era devagar. Não queria nada com o batente. Seu negócio era sinuca. E nisso ele era cobra. De taco na mão fazia embaixada. Conhecia os trambiques do jogo e sabia como entutar o parceiro. Então estava sempre com a bufunfa¹ em cima. Sabe como é o lance. Sempre tem um panaca pra desconhecer o nome do mandarim. E o Bereco ajudava. Se vestia como um Zé Mané qualquer. Neca de beca tranchana. Isso espanta o loque. O babado era se fazer de besta. Tirar onda de operário trouxa. Desses que dá um duro do cacete de sol a sol, se forra prato feito, e na folga vai fazer marola em boteco. Daí sempre tem um malandrinho pra tomar os pixulés do otário. Se fazer passar por coió era o grande trambique do Bereco. Com essas e outras ele engrupia até muito vagau escolado. Até no Bar Selete de S. Vicente, ponto certo dos grandes tacos do mundo, o Bereco deu esse deschavo. E grudou. Pensaram que ele era pão ganho e ele tomou o sonante dos pintas. E assim o Bereco ia remando seu barco em maré mansa.

Mas é como diz o Zagaia:

– Um dia é da caça outro do caçador.

E se Zagaia diz é que é. Todo mundo sabe disso. Porém acontece, que como não dá pro nego tocar fogo no mar pra comer peixe frito, tem que botar pra quebrar. E o Bereco ia firme. Só ganhando. Um pato atrás do outro era depenado. Sem dó. Que nas paqueras da vida é cada um pra si. Mas chegou a virada.

Era fim de mês. Dia de pagamento da Refinaria de Petróleo. O Bereco que estava por dentro se picou pra² Cubatão. Se plantou num salão dos bordejos da refinaria e ficou na moita. Logo foi baixando a freguesia. Tudo de capacete de lata. A batota estava contentona de envelope no chorro. E o Bereco só espiando o lance. De vez em quando tirava um paco de nota pra pagar uma coca-cola. Era a milonga. Logo um capacete de lata mais afobado se assanhou com o dinheiro do majura. Sentiu a moquinha pegar e quis tomar. Mediu o Bereco e foi no xaveco da pinta. O Capacete de Lata³ tinha um joguinho enganador. Desses que é bom em mesa de sindicato. Mas levou fé em si e nenhuma no Bereco. Encarnou no moço:

1. Termo atualizado; no original de jornal consta “bofunfa”.

2. Termo atualizado; no original de jornal consta “pro”.

3. Opta-se nesta crônica em deixar a expressão capacete de lata em maiúscula, por se tratar de nome de personagem; exceto uma das expressões que já se encontrava em maiúscula, conforme original de jornal, as demais sofrem a atualização aqui observada.

P R O S A

– Como é parceiro? Quer fazer um joguinho?

O Bereco não deu pala.

– Jogo nada.

O Capacete de Lata cercou.

– A leite de pato.

O Bereco deixou andar.

– Se é de brinquedo vamos lá.

E começou o jogo. O Bereco sentiu o parceiro e tirou de letra. O capacete não sabia nada. O Bereco deu o engano. Os primeiros dez mirrês, os segundos e os terceiros o Bereco empurrou pro trouxa. E se fez de bronqueado. Partiu pros vinte, pros cinquenta e pro cem mil. O Capacete de Lata estava se deitando. Era seu bilhete premiado. Com o dinheiro que ganhou do Bereco e o seu ordenado já tinha um milheiro no porão. Daí o Bereco selou:

– O tudo ou nada.

O Capacete de Lata nem balançou.

– Um milhão na caçapa.

Todo mundo de botuca ligada na mesa. O Capacete saiu pela cinco. Errou. O Bereco se tocou que o xereta⁴ estava nervoso. Teve que manejar. Cozinhar o galo. Senão ia ficar escrachado o perereco. Errou na cinco que estava cai não cai. E o joguinho ficou de duas muquiranas. Só na bola da mesa. O Bereco não embocava. Só colhia as mancadadas do capacete de lata. Se o bruto metia uma três. O Bereco fingia que era sem querer, e deixava uma sinuca de bico pro inimigo. E na catimba do Bereco e no virador do Capacete de Lata o jogo foi comprido pacas. Os sapos nem chiavam. Seguravam as pontas. Era tudo torcedor do Capacete de Lata. Trabalhadores da refinaria de petróleo de Cubatão. Mas o Bereco nem estava aí. Já contava com o dinheiro da caçapa. Aí chegaram na bola sete. Só a sete estava na mesa. E o jogo estava por ela. O Bereco folgado, muito à vontade encostou a negra na parede. O Capacete de Lata tremia, suava. Estava com o motor batendo acelerado. Fez mira. Começou a pensar que tinha quatro filhotes no seu chatô, aluguel de casa, rango, escola, remédio e os cambaus. Pensou no que ia dizer pra mulher. Com a cabeça cheia de minhocas deu na cara da bola. Uma chapada. A negra rolou para o lado, a branca pra outro. O Capacete de Lata sentiu um alívio. Pelo menos acertou na bola. Mas o recreio durou pouco. Quando as bolas pararam a sete estava na boca da botija. Pedindo pra cair. E a branca no meio da mesa. Ninguém por mais cego que fosse errava aquela. O Bereco sorriu. Deu a volta na mesa devagar. Bem devagarinho. Enrustido, sem dar bandeira ia gozando as fuças do otário. O Capacete de Lata só faltava abrir o bué. Deu a volta e ficou atrás da caçapa em que a bola ia cair. O Bereco deu uma dica de leve.

4. Termo atualizado; no original de jornal consta “chereta”.

P R O S A

– Vai secar?

O Capacete de Lata quis falar mas não deu. Se engasgou. O Bereco não se flagrou no olhar do panaca. Se tivesse visto as bolas de sangue nas botucas do capacete de lata ia ficar cabreiro. Não viu e fez a presepada. Passou giz no taco com calma. Se ajeitou na mesa, com calma. Aí levantou a mira. Viu a bola branca, a sete, a caçapa, atrás da caçapa um revólver quarenta e cinco, atrás do revólver o Capacete de Lata. O Bereco quis saber:

– Que é isso meu compadre?

O Capacete de Lata espumou, babou e resmungou.

– Se meter essa sete eu te mato.

O Bereco viu logo que era jura. Se fechou em copa. Deu na bola de esgulha, o taco espirrou. Relou na sete e as duas ficaram na berba da caçapa. Coladas. O Bereco fingiu que não havia nada. Deu a?⁵ – Ficou pra você compadre.

O Capacete de Lata guardou o revólver, treta, a raiva e tudo. Foi de cabeça. Deu no taco e bimba. A branca e a negra mergulharam juntas. O Bereco só ficou olhando. As lágrimas correram nos olhos do Capacete de Lata. Estava tão embaixo que não dava pra pegar a arma e aprontar o salseiro. Só deu um lamento.

– Tenho quatro bacuris.

O Bereco fez que não escutou. Recolheu a grana. E saiu de fininho. O Capacete de Lata saiu logo atrás. Ninguém se mexeu. Passou um tempo e veio o estouro. Meio mundo foi ver as rebarbas. No meio da rua o Capacete de Lata estava estarrado. Tinha o revólver na mão e uma bala na orelha. Se acabou. O Bereco só teve pena de nunca mais poder dar grupo em trouxa do Cubatão. Perdeu um grande pesqueiro.

5. Da forma como está no original de jornal.

Plínio Marcos (Santos, 1935 — São Paulo, 1999) foi palhaço, camelô, ator, dramaturgo, diretor e escritor. Além da produção em teatro, que gerou obras-primas como *Barrela*, *Navalha na carne*, *Dois perdidos numa noite suja*, *Querô*, entre outras, escreveu contos, novelas, reportagens, memórias e crônicas. Foi traduzido e encenado em francês, espanhol, inglês, italiano e alemão. Parte de sua obra foi adaptada para cinema e TV. Atualmente, o conjunto de suas obras teatrais está sendo preparado para edição de um livro pela Funarte, com organização e aparato crítico de Alcir Pécora.